

# Notas do carnaval

**GERALDO FORBES**

O título aí de cima não tem relação com as folias deste fim de semana. Não se refere também ao passado. O carnaval em pauta é o samba dos crioulos doidos lá do Planalto e as notas são mais dinheirais do que mágicas. Apenas uma forma de fazer parte deste fim de semana uma coluna mais leve, porém sem máscaras ou fantasmas. Espingos de lança.

1. No capítulo dos fantasmas mencionados no último domingo, mais uma estranha manifestação paranormal a registrar. O deputado José Sáfron Filho conseguiu votar no Congresso, via ondas telepáticas enviadas desde o Maranhão, onde se encontrava.

Não pensem que é ilusão — aconteceu de fato. O computador infalível (ou será que os miasmas do local já o corromperam?) acusou o voto do ilustre filho daquele, apesar de sua ausência no plenário. Como, presumivelmente, só o próprio Zequinha conhece seu código secreto, a boa lógica faz supor que o promissor herdeiro seja dotado de poderes extraordinários, com os quais consegue acionar os bôdies à distância.

Orgulhem-se todos. Mais uma vez a pobre ciência europeia (o computador é alemão) curva-se ante a criatividade tropical. Um argumento importante pró-reserva de mercado.

E antes que termine um cumprimento especial ao senhor presidente pelo filho que tem. Aiás, pudera — quem sai aos seus não degenera.

2. Um bom e querido amigo, otimista quanto ao resultado final da Constituinte, lembra-me a hilariante cena de "Uma noite na Ópera" que mostra as irmãs Marx discutindo os termos de um contrato. Vão lendo, lendo e em seguida rasgando e jogando fora cláusula após cláusula. Sobra só um papéisinho.

Meu companheiro pensa que vai ser um pouco assim, para o bem. Acha que o projeto será bastante enrugado e acabará representando um razoável compromisso entre as diversas correntes políticas. E que se não será o ideal, será o documento possível.

Aí há duas questões. Possível, está certo que é o que será. Agora é preciso ver se este "possível" não estará multissímo a quem não só do ideal (?) mas, mênos, do desejável ou menos ainda, do aceitável. Segunda — seria ótimo que se enrugasse e se jogasse fora a montanha de preceitos típicos de lei ordinária que estão sendo sacralizados na Constituição. Mas, como que permanecerão engessando nossos movimentos.

(Um dos nossos muitos problemas é a extrema rigidez de nosso sistema legal, sempre atrasado no acompanhamento das rápidas mudanças sócio-econômico-culturais deste século frenético. Muitas vezes, as leis têm sido barreiras ao desenvolvimento, e na espera de sua adaptação por um lento Legislativo e mais moroso Judiciário, crescem a chamada economia informal e outras mazelas como as mortes em abortos clandestinos, o corporativismo sindical, a cartarização e a cartarização etc. etc.)

Espero, desejo e torço para que o Marco esteja certo e que minha descrença seja totalmente injustificada. Mas só para dar um exemplo crucial, será que meu voto vai valer tanto quanto os dos outros patriotas?

Sim, seria ótimo ter o Graccho Marx aceitando o projeto de um relatório, que tem a coragem de incluir na Constituição um artigo santificando a Zona de sua Manaus. O bigodudo rasgaria metade e seus irmãos mais um tanto. Aqui, entretanto, entre os 300 patetas do Centro e os filhos de Karl Marx da esquerda, nada se rasga, nada se corta. Tudo se aumenta e se transforma. E dando que se recebe.

3. Capítulo corrupção, diria uma enciclopédia, mas por hoje uma pouca sópticos.

a. O ministro Brossard merece cumprimentos verdadeiros por suas recentes declarações e providências. Ainda há gente de bem no País. Há muito mais gente de bem do que há ladrões, traficantes e aproveitadores.

b. Muitas expectativas também quanto à CPI do Senado. Vamos ver porém se o senador, Fernando Henrique desta vez não vai deixar acontecer a mesma farsa que ocorreu na CPI da Norte-Sul. A responsabilidade do senador é enorme nesta hora em que a desconfiança da cidadania em relação aos políticos é quase total. Dos resultados da CPI muito depende a recuperação da imagem do homem público e, em última análise, a democracia em nossa terra.

c. Já a CPI da Câmara tem que ter outro presidente. Infelizmente o sr. Fernando Gasparian desqualificou-se para o cargo ao votar pelos cinco anos. Ou explica melhor as suas razões ou deve renunciar ao posto.

4. Um outro amigo, o generoso Saíd Fuhri, duvida da eficácia da marcha a Brasília ou qualquer outra manifestação de protesto. A capital, argumenta, e tem conhecimento de causa, é insensível, conformista, isolada em seu egoísmo. É grave esta opinião, porque o Saíd é um homem de habitual, otimista.

É, se ele estiver certo, em última instância isto quer dizer que o fosso entre o país real e a cidade da fantasia e da corrupção é intransponível e a autocracia, uma realidade permanente e inelutável, pois indestrutível.

Ora, apesar de suas ponderáveis razões, temos de achar que está errado em seu pessimismo e que o sonho é factível. Sendo, nos renderemos à deliquescência.

Saíd, seu artigo está certo. No meio, quando descreve Brasília, mas também no fim, quando diz: "Nada vai mudar. Até que tudo mude neste país. Numa direção que não tem nada a ver com o que lá (em Brasília) se diz". Pois vai mudar. Pergunte a seus netos.

5. Falando da marcha, depois desses dias de primitiva evasão, a OAB deve começar a organizar a nossa invasão. Com a palavra o presidente Mário de Oliveira.

Sente-se, entretanto, que bastaram os primeiros movimentos (um tanto prejudicados pelas brigas sectárias entre a esquerda e a direita radicais) para fazer muitos gatos mudarem de lugar, no muro do Congresso.

E vamos lá. E para terminar, não custa lembrar que existe um homem capaz de sozinho acabar com o carnaval saracota. Sobre ele devemos fazer pressão para que abrevie essa orgia.

Uma só, mas clara, palavra do dr. Ulysses pelos quatro anos, a pronta declaração de sua candidatura, e o caminho de paz e do progresso se abrirão.

Neste momento é a sua atuação pessoal que ainda mantém um mínimo de ordem e objetividade na Constituinte. Entretanto, se ele não se dispuser a inibir do lado da maioria do povo na resolução do não do mandato e do rapine, seus esforços serão inúteis e em breve fragorados por sucessivos buracos negros, precursores do caos, da ingovernabilidade e do conflito aberto.

Chega a hora do dr. Ulysses ter o seu encontro com o destino. Não há mais tempo para hesitações e manobras apenas protelatórias e tangenciais. É a hora do líder se afirmar ou se negar. Moisés ou Jim Jones?

Dr. Ulysses, chega de navegar, negociando passagens entre rochedos e escolhas, para navegar, por navegar. É hora de terra firme, depois de longa viagem. A colcha do tempo está teçada, as linhas de paciência, esgotadas. Desembarque, dr. Ulysses.

PS — A coluna já estava pronta quando seu autor foi agredido pelo sr. Saulo Ramos. Na próxima semana virá a resposta.